

OS INDO: CLASSE E CIDADANIA NO PERÍODO COLONIAL TARDIO NA INDONÉSIA

*Ulbe Bosma**

Testemunhos escritos com relação ao “tempo doeloe” do final do século XIX estão cheios de referências sobre a miscigenação, o hibridismo eurasiático e a presença inescapável do sobrenatural.¹ Assinalam um modo de vida e uma cosmologia que não são nem indonésios nem europeus, mas sim “índicos”, e dos quais “tempo doeloe” é a idade de ouro.² É impossível definir o que exatamente constitui o “índico” e quem pertence a ele, simplesmente porque seu significado resiste a qualquer definição ou tentativa de delineamento. Só podemos ter certeza de que “tempo doeloe” é uma construção intelectual das últimas décadas do domínio colonial, que se refere a um tempo em que a noção de um grupo separado de habitantes de descendência mista era ainda vaga.

* International Institute of Social History, Amsterdã. Gostaria de agradecer a Roger Knight por seus comentários valiosos, e por sua generosidade em compartilhar comigo suas opiniões sobre a sociedade de *plantation* nas Índias Orientais Holandesas nos séculos XIX e XX. Tradução de Fernando Rosa Ribeiro.

¹ “Tempo doeloe” (pronuncia-se “tempo dúlu”) – expressão colonial malaio-portuguesa (usada em neerlandês e indonésio) que significa “tempo passado”, “tempo de outrora”. É muito usada para referir-se ao etos da sociedade colonial de antes de 1900 (Nota do Tradutor, doravante N.T.).

² Uso “índico” aqui para traduzir o inglês *Indies* (do neerlandês ou holandês *Indisch*), que se refere à(s) Índia(s) (Oriental/ais) Holandesa(s) ou Neerlandesa(s), nome colonial da atual Indonésia. O termo é usado na historiografia para designar a sociedade surgida do encontro colonial, isto é, uma sociedade que não era nem “européia” nem “nativa” (N.T.).

E, realmente, uma comunidade eurásiana ou indo foi estranha à Indonésia colonial até o século XX,³ o que diferia bastante do mapeamento étnico das colônias britânicas na Ásia, onde um grupo mais ou menos demarcado de eurásianos existiu durante todo o século XIX.⁴ No arquipélago indico,⁵ contudo, os mestiços descendentes de europeus — considerados legalmente como europeus — pertenciam aos círculos sociais mais altos. Um sentimento de pertencer a uma etnia indo não surgiu antes do final do século XIX, quando “tempo doeloe” já estava dando lugar à sociedade colonial tardia, com sua agricultura de exportação altamente organizada e poderosa, comunicações telefônicas e carros motorizados. Nessa sociedade os indos ocupavam postos de médio escalão no setor privado e no governo. Os jornais, os empregadores e o sindicalismo trabalhista foram instrumentos na formação de uma classe cuja consciência de grupo era eminentemente étnica.⁶

O momento em que uma consciência de classe indo surgiu fez com que esta ficasse profundamente imbuída de um sentido de pertencimento étnico a uma pátria índica.⁷ Sua luta por um poder social crescente fundiu-se a uma busca por cidadania dentro do contexto colonial. Os indos eram filhos de um império colonial e, portanto, podemos dizer com Cooper e Stoler, constituíam tanto uma força criativa como de

³ O termo “indo” refere-se aos *Indo-Europeanen* ou “indo-europeus”, nome que adquiriram os mestiços indonésios no século XX, também como autodesignação de grupo (N.T.).

⁴ De acordo com Hawes, traçou-se uma linha divisória entre os anglo-indianos e os súditos britânicos após a implementação do Charter Act de 1833. Ver C.J. Hawes, *Poor Relations: The Making of a Eurasian Community in British India 1773-1833*, Richmond, Surrey, Curzon Press, 1996, pp. 93-112 e 149. Contudo, essa linha divisória ainda era vaga na época do censo de 1870, de acordo com Marshall: “O que parece ter perturbado mais os recenseadores do final do século XIX foi a dificuldade que sentiram de impedir que pessoas de raça mista se fizessem passar por ‘européias’”. P. J. Marshall, “British Immigration into India in the Nineteenth Century”, in P. C. Emmer e M. Mörner, *European expansion and migration. Essays on the Intercontinental Migration from Africa, Asia and Europe*, Nova York, St. Martin’s Press, 1992, p. 182.

⁵ Outro nome dado à Indonésia no período colonial (N.T.).

⁶ A sociedade colonial estava dividida formalmente em três categorias etno-jurídicas: “europeus”, “nativos” e “orientais estrangeiros” (isto é, chineses, árabes e indianos étnicos). A cada categoria correspondiam direitos, prerrogativas e restrições diferenciadas. Os indos eram formalmente classificados como europeus, mas formavam na prática categoria social à parte (N.T.).

⁷ A. M. Voorneman, *Het jonge Indië: Verspreide stukken van A. M. Voorneman en wijlen F. K. Voorneman*, Surabaia, ed. do autor, 1884, pp. 319-21.

ruptura, que tentava modificar os limites coloniais da exclusão racial.⁸ Como classe, não pertenciam à elite colonial que integrava um circuito migratório entre a metrópole neerlandesa e as Índias.⁹ Em sua luta para se tornar parte dessa mobilidade imperial, os indos foram os primeiros a imaginar o conceito de uma cidadania índica, exatamente no alvorecer do nacionalismo indonésio. Este artigo propõe, contudo, que a luta cívica das classes indos era tal que dificilmente poderia ser concebida no bojo de uma nação; e que o “tempo doeloe” tornou-se a arma dessas classes na sociedade colonial tardia para provar a historicidade de seu conceito de uma cidadania índica imperial.

Os indos eram europeus para a administração civil, independentemente de sua posição econômica ou social. Desde os primórdios do século XIX, não era a riqueza ou a raça, mas o reconhecimento por parte do pai europeu o que tornava alguém europeu pela lei. Isto separava esse indivíduo das populações indígenas, embora a fronteira fosse frequentemente cruzada por casamentos entre descendentes de europeus e cristãos indígenas.¹⁰ *Inlandsche kinderen* (“filhos nativos” ou filhos da terra), como eram chamados durante a maior parte do século XIX, eram europeus de sangue misto que pertenciam aos estratos econômicos mais baixos da sociedade colonial. Ninguém pensaria em incluir os latifundiários plantadores de açúcar e índigo em Java Central ou os ricos produtores de noz-moscada e macis das ilhas Banda na categoria de *inlandsche kinderen*, embora dificilmente qualquer um deles fosse branco puro. O quadro não era muito diferente no serviço público colonial. Durante todo o século XIX encontramos varões de ricas famílias eurásianas como membros do corpo de elite dos funcionários públicos coloniais em várias partes do arquipélago. A maioria deles tinha sido aprovada nos Países Baixos, no exame exigido para o ingresso na carreira administrativa, enquanto um pequeno grupo havia obtido dispensa

⁸ Frederick Cooper e Ann Laura Stoler (orgs.), *Tensions of Empire: Colonial Cultures in Bourgeois World*, Berkeley, University of California Press, 1997.

⁹ Referência ao fato de que a elite colonial, mesmo quando nascida na colônia, estudava e se formava na metrópole, sem o que não poderia em geral fazer parte do alto escalão colonial (N.T.).

¹⁰ Aqui o autor se refere (sob o termo “indígena”) à população asiática autóctone da colônia, isto é, àqueles classificados como “nativos” pela administração colonial (N.T.).

do exame graças a suas qualidades e conhecimento de línguas locais, ou às vezes simplesmente como resultado de nepotismo. Os requisitos formais foram empregados mais rigorosamente a partir da década de 1840, mas, graças ao estabelecimento, em 1867, de um treinamento para funcionários públicos em Batávia¹¹, o número de funcionários públicos nascidos nas Índias pode perfeitamente ter aumentado ao longo do século XIX.¹²

Eurasianos ricos e cultos eram considerados neerlandeses e às vezes descritos como *creole*, que em sentido estrito significava um branco europeu nascido nas Índias. Mas “branco” aqui se refere ao étnico, não ao racial. Nesse sentido, as Índias Neerlandesas assemelhavam-se às sociedades da América Latina e do Caribe, onde a riqueza podia compensar a miscigenação. Nas Antilhas Holandesas, por exemplo, era difícil encontrar um latifundiário ou senhor de escravos de ascendência puramente européia. Não obstante, consideravam-se europeus e asseguravam-se da reprodução de sua linhagem européia.¹³ Os latifundiários índicos não agiam de maneira muito diferente de seus congêneres caribenhos. Suas filhas eram educadas cuidadosamente para que se casassem com alguém de seu próprio meio ou então com um recém-chegado. Embora estes últimos freqüentemente não tivessem posses, podiam geralmente gabar-se de uma educação decente como oficiais do exército, clérigos, clínicos gerais ou empregados de uma casa de comércio. Esses casamentos ajudavam tanto a fortalecer os laços com a metrópole colonial como a absorver os recém-chegados na comunidade índica. Um dos mitos índicos, que data da época da Companhia das Índias Orientais Holandesas, era o de que, uma vez casado com uma moça índica, se estava acorrentado às Índias.

Os recém-chegados do século XIX, os chamados *totoks*, não constituíam uma classe alta fechada em si mesma nas Índias.¹⁴ Como Jean Gelman Taylor mostrou corretamente, muitos recém-chegados de

¹¹ Antigo nome colonial neerlandês de Jacarta, capital colonial e atual capital indonésia (N.T.).

¹² C. Fasseur, *De Indologen: Ambtenaren voor de Oost 1825-1950*, Amsterdã, Uitgeverij Bert Bakker, 1993, pp. 273 e 289.

¹³ H. R. Hoetink, *Het patroon van de oude Curaçaose samenleving: Een sociologische Studie. Met een ten geleide van R. A. J. van Lier*, Assen, Van Gorcum, 1958.

¹⁴ “Totok” é o branco nascido na Europa (N.T.).

alto escalão deviam sua posição a seus parentes afins índicos.¹⁵ Mesmo no decurso do século XIX, quando a influência do capital metropolitano fez-se sentir cada vez mais, muitos recém-chegados foram, ainda assim, absorvidos nas redes familiares índicas. Um caso relevante foi o dos irmãos Holle, que se tornaram famosos como produtores de chá pioneiros no Preanger,¹⁶ nos anos de 1880, e que eram apoiados por conexões e capital do ultramar. Contudo, eles também se casaram com filhas da velha família latifundiária dos Motman.¹⁷ As redes sociais e econômicas nas Índias do século XIX eram basicamente redes familiares. As famílias melhor posicionadas na economia colonial tinham laços antigos com as Índias, e conseqüentemente era raro que fossem inteiramente brancas.

Uma opinião comumente sustentada diz que a discriminação relacionada à cor da pele só veio a perpassar a sociedade colonial depois que o modo de vida europeu e as comunicações com a Europa melhoraram o suficiente para permitir que mulheres européias se estabelecessem com segurança na colônia. Acredita-se que esse fato seja concomitante à ascensão do darwinismo social e do preconceito racial, por volta da virada do século. Contudo, as mulheres brancas não chegaram em grande número até os anos de 1920 e superestimar a influência de teorias racistas sobre as relações sociais nas Índias pode facilmente obscurecer a dinâmica da economia colonial.¹⁸ Em 1870, quando os primeiros navios navegaram através do Canal de Suez, já haviam sido designados os ganhadores e os perdedores da economia colonial de *plantation*. O absentéismo nas *plantations* tornou-se cada vez mais a regra, já que aqueles que haviam adquirido riqueza suficiente para se “repatriar” para os Países Baixos o faziam. Podemos pressupor que este era um padrão com um viés de gênero, já que muitas filhas de latifundiários nascidas nas Índias se “repatriavam” com seus maridos

¹⁵ Jean Gelman Taylor, *The social world of Batavia: European and Eurasian in Dutch Asia*, Madison, Wisconsin University Press, 1983.

¹⁶ Região montanhosa em Java (N.T.).

¹⁷ A família Motman provavelmente ajudou os jovens irmãos Holle e sua mãe, após seu pai, Pieter Holle, ter morrido em 1846 deixando mais dívidas que haveres. Pieter Holle foi enterrado no cemitério familiar dos Motman. Ver KITLV (Real Instituto para a Linguística e Antropologia, Leiden), caixa H 948, Coleção Pessoal de N.P. van den Berg.

¹⁸ Koloniale Verslagen, 1870 e 1900. Bijlage A.

recém-chegados. Seus filhos, nascidos nas Índias mas educados na metrópole, frequentemente faziam carreira nas Índias Neerlandesas. Mesmo que esse padrão migratório não fosse nada novo e, como o absenteísmo da *plantation*, já fosse parte da vida nos velhos tempos da Companhia das Índias Orientais, sua escala era sem precedentes.¹⁹

De fato, parece que a inclinação para a mobilidade asiático-europeia era a linha divisória dentro da sociedade colonial. Especialmente aqueles que ocupavam postos de baixo e médio escalão no governo e no setor privado, quando não estavam firmemente enraizados em uma única localidade, o estavam nas Índias de forma geral. Mesmo que a palavra *indo* raramente fosse usada antes de 1885, os jornais índicos, que começaram a surgir a partir dos anos de 1850, fornecem provas abundantes de uma linha de demarcação no bojo da sociedade colonial europeia.²⁰ Contudo, é improvável que a imprensa estivesse indicando algo novo, já que essa divisão entre residentes temporários e famílias europeias enraizadas localmente pode muito bem ter existido desde os dias da Companhia das Índias Orientais.

Considerando a distinção entre as comunidades índicas enraizadas localmente e a sociedade índica em trânsito, podemos compreender porque o pai do movimento indo do século XX nas Índias Neerlandesas, o jornalista G.A. Andriess, tentou evitar a terminologia do sangue misto ou sangue puro, ou indos e totoks. Em 1895, cunhou as palavras *trekkers* e *blijvers*, que eram mais ou menos equivalentes respectivamente a “aqueles que passam” e “aqueles que ficam”. Os *blijvers* não tinham outra opção senão permanecer nas Índias. Por *trekkers* Andriess indicava aqueles que podiam se aposentar nos Países Baixos e tinham meios para mandar seus filhos para serem educados na mãe-pátria. Em realidade, a diferenciação de Andriess indicava, principalmente, um fenômeno antigo e, em menor grau, o influxo relativamente novo de expatriados.

De fato, esse influxo não modificou o caráter demográfico da sociedade colonial europeia, já que o crescimento do segmento eurasiático

¹⁹ Mason C. Hoadley, *Towards a feudal mode of production: West Java, 1680-1800*, Singapura, Institute of Southeast Asian Studies, 1994, p. 189.

²⁰ Os jornais fora de Java eram os mais francos a esse respeito, por exemplo, o *Celebes Courant* (Macassar, Sulawesi) e o *Padangsch Handelsblad* (Padang, Sumatra).

facilmente equivalia à imigração europeia (a população europeia conjunta cresceu de 35.000 em 1870 para 75.000 em 1900, com a parte eurásiana permanecendo estável em 80%).²¹ O que havia mudado eram as relações de trabalho, à medida que a economia de *plantation* tinha se estabilizado nos anos de 1870. Daí em diante, tanto o governo passou a necessitar de um número crescente de funcionários públicos quanto o setor privado de pessoal qualificado, que freqüentemente eram contratados nos Países Baixos e chegavam como expatriados. Seguindo o uso que Roger Knight faz dessa palavra no contexto econômico e cultural índico, os expatriados podem ser definidos como aqueles que tinham o direito a uma licença remunerada após seis anos ou mais, e que podiam ter uma esperança razoável de se repatriarem com uma aposentadoria, após um período de tempo fixo.²²

Em contraste com os recém-chegados do início do século XIX, esses expatriados do final do século não eram mais obrigados a abandonar seus padrões metropolitanos para sobreviver física e socialmente. Podiam dar-se ao luxo de resistir às tentações de uma proposta de casamento índico. A vida nas Índias era muito mais agradável e muito menos estranha para os recém-chegados em torno de 1900 que no início do século XIX (as únicas exceções eram os militares subalternos, cuja existência era miserável). Floresciam grupos de teatro amador, sociedades de leitura, orquestras de câmara e outras formas de entretenimento público. Ao mesmo tempo, contrariando todas as queixas contra a falta de cultura e educação entre a população índica, o nível educacional dos europeus nascidos nas Índias aumentava crescentemente. O surgimento de jornais baratos e populares em língua neerlandesa ao redor de 1885 dá indícios da existência de um número crescente de eurásianos com pelo menos conhecimento passivo do neerlandês. A sociedade europeia nas Índias estava obviamente mudando, mas isto não é razão suficiente para concluir que os recém-chegados marginalizaram os europeus de ascendência mista nascidos nas Índias. O crescimento da empresa privada gerou muitos empregos na agricultura de *plantation*

²¹ *Koloniale Verslagen 1870 e 1900*. Bijlage A.

²² Roger Knight, "A swimming pool and a library: incorporation and differentiation in colonial Java in the Inter-War years", manuscrito, p. 2.

— por exemplo, nas usinas de açúcar. Pode ser que os eurásianos tenham constituído a maioria dos empregados nos latifúndios de cana-de-açúcar em Java, e encontrado trabalho nas ferrovias que transportavam o açúcar, o tabaco e o café do interior para as cidades portuárias. Ademais, a expansão do empreendimento colonial e do governo criou milhares de novos empregos de baixo e médio escalão nas alfândegas, serviços de correio e lojas de penhor.²³

A maioria desses trabalhos não pagava muito bem, ou pelo menos não o suficiente para se alcançar a modernidade em termos de novos itens de consumo e moradia moderna. Ademais, aumentos salariais para empregados públicos eram raros, porque o governo índico tinha que limitar seu orçamento. A guerra em Aceh estava custando uma fortuna,²⁴ e a competição ferrenha no mercado mundial de açúcar forçou o governo a abrir mão de impostos sobre exportação de que necessitava muito. Muitos pequenos funcionários públicos conseguiam se sustentar através do crédito a curto prazo, oferecido muitas vezes pelos lojistas chineses, o que explica seu ressentimento contra os chineses em geral. Contudo, apesar da preocupação crescente do governo índico com o pauperismo, a qual culminou num extenso levantamento feito em 1902, parece, a partir do relatório elaborado, que menos de oito por cento dessa população podia ser categorizada como indigente, se excluirmos os soldados aposentados.²⁵ Havia provavelmente muitos funcionários do governo que ganhavam apenas um pouco mais do que os novecentos florins por mês considerados o mínimo para uma vida europeia decente. De fato, essa cifra pode não ter sido suficiente para viver numa casa de alvenaria numa das cidades da costa norte de Java, mas

²³ Ulbe Bosma, *Karel Zaalberg: Journalist en strijder voor de Indo*, Leiden, KITLV Press, 1997, p. 31. Essas novas oportunidades de trabalho também existiam para a comunidade eurásiana ou anglo-indiana na Índia Britânica, onde as ferrovias parecem ter suplantado os escritórios do governo como fonte primária de empregos eurásianos. Hawes, *Poor relations*, p. 157.

²⁴ A partir de 1872, os neerlandeses entraram em guerra com o Sultanato de Aceh, no extremo norte de Sumatra. A pior e mais difícil guerra da história colonial neerlandesa do século XIX durou até 1902, quando Aceh transformou-se definitivamente em território colonial (N.T.).

²⁵ *Uitkomsten van de pauperisme-enquête, ingesteld bij circulaire van den Directeur Onderwijs, Eeredienst en Nijverheid van 26 juni 1901, no. 7771. Algemeen Verslag*, Batávia, Landsdrukkerijs, 1902, p. 19.

era suficiente para encontrar um lugar decente no “kampong” e ter alguns criados.²⁶ Mesmo que o bem-estar social de muitos membros da comunidade europeia nas Índias fosse frágil, estes não eram, em absoluto, indigentes.

O surgimento de uma classe indo, que se tornou visível na década de 1860 e generalizou-se na década de 1880, foi consequência da expansão da economia colonial e do progresso da educação primária para descendentes de europeus nas Índias. O primeiro fator ocasionou uma proliferação da imprensa, enquanto o segundo fez surgir um grupo de leitores que se expandia continuamente, preenchendo duas condições para o surgimento de jornais em língua neerlandesa, que procuravam leitores entre os segmentos minoritários mas prósperos da sociedade europeia. Em resumo, o surgimento da consciência de grupo indo não foi causado pela “metropolização” das elites crioulas e a chegada de expatriados. Estas eram simplesmente características adicionais de um único desenvolvimento, a saber, o amadurecimento da agricultura de exportação. É quase desnecessário dizer que a crescente consciência indo já havia nascido antes que idéias de *fin de siècle* sobre diferenças raciais promovessem um discurso sobre *verindischen*.²⁷ Em realidade, o argumento de que a miscigenação provocava a indigência dos europeus e consequentemente ofuscava o prestígio da Europa nunca se tornou popular nas Índias. Em seu próprio interesse os jornalistas índicos fizeram uma distinção clara entre pessoas índicas decentemente educadas e crianças que haviam sido abandonadas por seus pais europeus legais. E o que é mais, a imprensa índica condenava particularmente os pais expatriados e os militares. A ênfase no casamento e na educação decentes fazia parte de um discurso profundamente pequeno-burguês dos indos, que era expresso por um número crescente de jornais baratos de língua neerlandesa, da década de 1880 em diante.

Esses jornais davam testemunho de uma luta de classes, de queixas sobre discriminação e de resistência a uma burocracia colonial opres-

²⁶ “Kampong” ou “kampung” – termo malaio-indonésio para indicar, no período colonial, os bairros residenciais ou vilarejos rurais nativos, onde as casas geralmente não eram de alvenaria e a vida era bem mais precária (N.T.).

²⁷ Isto é, “indicizar-se” ou “indicização” – perder a europeidade e assim “degradar-se” e tornar-se mais índico (N.T.).

sora. A imprensa índica geralmente era uma imprensa de oposição ao governo colonial, o qual estava longe de ser reticente quanto a cercear o jornalismo crítico, especialmente quando este expressava as queixas das classes baixas. E um tabu especial pairava sobre protestos contra a discriminação. Na opinião da elite colonial, estes protestos equivaliam a nada menos do que incitar o ódio, entre as classes baixas europeias, contra os guardiões da ordem colonial. Quando o juiz sentenciou, em 1882, que o jornal de Sumatra ocidental *Padangsch Handelsblad* (*Jornal do Comércio de Padang*) havia violado os regulamentos da imprensa, o fez com o intuito de fechar um órgão cujos editores orgulhosamente haviam-se proclamado *sinjos* (termo mais ou menos equivalente a indo), e que havia se mantido em uma posição abertamente anti-expatriados por mais de quinze anos. Em realidade, o fechamento de jornais críticos mostrou-se contra-producente, já que encorajava um tipo de jornalismo menos estabelecido a entrar em campo. Esses jornalistas tentavam obter um lugar no competitivo cenário da imprensa índica atraindo leitores dos estratos sociais mais baixos. Ao acusar o jornalismo estabelecido de ser insensível à condição do indo, fundiam interesses comerciais com engajamento social.²⁸

É precisamente essa relação dialética entre a opressão e a radicalização que explica como a crise agrícola de 1884 fez surgir uma imprensa popular indo em Java. A cidade portuária de Semarang, a janela das *plantations* em Java Central, fortemente atingida pela competição crescente do mercado açucareiro mundial, tornou-se o centro do descontentamento. A relutância do governo neerlandês de interferir na crise, porque achava que os contribuintes neerlandeses não deveriam perder dinheiro pelos cálculos errôneos dos nababos índicos, agravou consideravelmente, de acordo com a imprensa índica, a crise econômica dos anos de 1880. O conhecido romancista e jornalista Daum foi uma das vítimas da repressão do governo contra seus críticos. Após seu jornal ter sido fechado em Semarang, ele passou do jornalismo estabele-

²⁸ A. B. Adam indicou a competição crescente entre os jornais como a força motriz por trás do acirramento do tom da imprensa índica e a polarização entre interesses “totok” e indo. Ver Ahmat B. Adam, *The vernacular press and the emergence of modern Indonesian consciousness (1855-1913)*, Ithaca, Nova York, Southeast Asia Program / Cornell University, 1995, p. 49. Ver *De Telefoon*, 26/06/1886.

cido para a imprensa popular, ao iniciar seu tablóide barato *Bataviaasch Nieuwsblad* (Jornal Bataviano) em 1885.²⁹

Enquanto isso, dois antigos colaboradores do extinto *Padangsch Handelsblad*, A. Snackey e A. M. Voorneman, tinham se mudado para Java. Voorneman estabeleceu seu próprio jornal *Batara Indra*³⁰ em Surabaya, em 1886. Snackey entrou para um jornal de Semarang que tentava não apenas preencher a lacuna deixada pela partida de Daum para Batávia, como também visava representar exclusivamente os interesses dos chamados “indo-europeus”. Não é de surpreender que a primeira tentativa de iniciar o jornal, sob o título *Oosterling. Orgaan voor de Indo-Europeaan* (Oriental. Órgão do Indo-Europeu) foi vetada pelo residente de Semarang.³¹ Só após o título ter sido modificado para o inócuo *De Telefoon* (O Telefone), e o Supremo Tribunal das Índias haver anulado a segunda proibição do residente, é que o jornal pôde aparecer. E assim, como resultado indireto da repressão do governo, as três mais importantes cidades de Java puderam todas obter seu próprio jornal dedicado aos interesses do indo.³²

O jornal *De Telefoon* cumpriu sua promessa de criar um verdadeiro movimento: *Soeria Sumirat* (O Primeiro Raio de Sol). A idéia veio de Snackey, que tomou como fonte de inspiração a sociedade eurasiática de “promoção mútua” de Singapura. Devido a uma consciência crescente de ser indo, e em especial uma consciência do que isso significava em termos sociais e econômicos, os porta-vozes dos indos perceberam que podiam basear-se em experiências das colônias britânicas.³³ O objetivo imediato dos colaboradores do *Telefoon* era uma irmandade ou corporação de assistência mútua, o que era comum para uma pequena-burguesia que não tinha seguro contra o desemprego e sentia-se insegura nessa época de demissões. Ademais, o *Soeria Soemirat* expressava as aspirações da classe-média eurasiática de encontrar um nicho na agricultura de exportação, onde os regulamentos do governo e a racionalização da economia

²⁹ Gerard Termorshuizen, *P. A. Daum: Journalist en romancier van tempo doeloe*, Amsterdam, Nijgh & Van Ditmar, 1988.

³⁰ Nome de uma divindade (N.T.).

³¹ Residente era o representante oficial do governo colonial em determinada localidade (N.T.).

³² *Nieuwe Vorstenlanden*, 05 e 15/01/1886.

³³ *De Telefoon*, 19/06/1886.

de *plantation* haviam deixado pouco espaço para as pequenas propriedades.³⁴ Por causa de sua preocupação com o bem-estar social, *Soeria Soemirat* ficou eventualmente vinculada à igreja, que já há séculos se ocupava da caridade. Contudo, seria errôneo conceber essa relação com a igreja e seus valores familiares como imposta aos indos. Pelo contrário, os articulistas no *Telefoon* chamaram a igreja a assumir sua responsabilidade e salvar famílias européias decentes da pobreza extrema e da degeneração moral. Citando histórias de jornal sobre indos que se converteram ao Islã na esperança de uma vida melhor na sociedade javanesa, alegavam ser do interesse da igreja ajudar.³⁵

A irmandade do *Soeria Soemirat* logo perdeu seu ímpeto político, para ser revivida cinco anos depois pelo jornalista G. A. Andriesse. Ele tornou os *trekkers* e os expatriados a personificação de uma mãe-pátria egoísta que impedia aos descendentes de europeus construir sua própria sociedade. Deu a seu ideal de uma colônia de povoamento o slogan *Indië voor de Indiërs* (Índia para os índicos), um grito aglutinador que sobreviveria no século XX, ainda que com significado diverso. Sua preocupação era que a dominação colonial impedisse as pessoas índicas de resistir, já que uma ausência quase total de educação secundária, vocacional e superior provocaria um status social declinante ao longo das gerações.³⁶ É difícil se certificar de que isso era verdade, mas era certamente um reflexo da própria história familiar de Andriesse. Ele próprio era índico de pelo menos terceira geração. Seu avô havia sido um almirante na frota índica, seu pai um funcionário público de médio escalão e ele próprio um latifundiário fracassado que tentava se sustentar como jornalista. De acordo com sua própria confissão, era socialista — pelo menos ele conseguia compreender o conceito de luta de classes — embora em contraste com os marxistas de sua época não aceitasse o imperialismo como força progressista. Sua oposição ao colonialismo era essencialmente conservadora e suas acusações perversas contra os

³⁴ Ver Joost Coté, “Inventing the ‘half-caste’: constructions of the Indo-Dutch outsider in a mestizo Dutch East Indies”. Paper apresentado no “Mixed Race Seminar”, University of Melbourne, 30/09/1999, p. 11.

³⁵ *De Telefoon*, 19/06/1886. A maioria da população colonial era muçulmana, e havia uma equiparação na ideologia colonial entre empobrecimento e islamização. (N.T.).

³⁶ *De Telefoon*, 06/11/1895.

lojistas e empresários chineses eram inquestionavelmente populistas.³⁷ De qualquer modo, sua propaganda funcionou tão bem que pôde estabelecer uma *Indische Bond* (Liga Índica) em 1898, que amealhou quatro mil sócios em dois anos.³⁸ Isto era algo que as Índias jamais haviam visto.

A Indische Bond

Uma confusão terminológica acompanhou o progresso da consciência de grupo indo. As idéias expressas pelo linguísta Snackey no *Padangsch Handelsblad* centravam-se na miscigenação como uma união de dois ramos da família indo-germânica de culturas.³⁹ A palavra *sinjo* lembra a gênese portuguesa da cultura mestiça nas Índias, enquanto que “indo-europeu” foi cunhado em Semarang para sublinhar a discordância da cidade com as políticas coloniais holandesas.⁴⁰ As palavras *trekker* e *blijver* indicavam que a migração era a linha divisória na sociedade índica. Essa linguagem classificatória confusa refletia não só a dinâmica das Índias do século XIX — e, não se deve esquecer, as percepções de interesses conflituosos entre a mãe-pátria e a colônia — mas também o desconcerto contemporâneo sobre identidade étnica, raça e estratificação social. Mas dentre essa confusão emergiu inegavelmente um novo sentido de consciência de diferença étnica e discriminação. As palavras *indo* e *sinjo* tornaram-se *noms de gueux*, tendo um sentido pejorativo quando usadas por alguém de fora do grupo e, entre os próprios indos, a conotação inversa. Da mesma forma, o conceito de Voorneman de *Jonge Indië* (Jovem Índia) era tanto uma expressão de consciência de colonizador como uma percepção de diferença racial devido a uma compleição amarela.⁴¹

E, finalmente, a consciência de classe foi um elemento que explicava a afiliação de alguns dos fundadores da *Indische Bond* com o partido socialista neerlandês. Embora uma relação formal entre as duas

³⁷ *De Telefoon*, 25/01/1886.

³⁸ *Het Bondsblad*, 22/05/1900.

³⁹ *Padangsch Handelsblad*, 28/02/1880.

⁴⁰ “Sinjo” vem do indo-português, e é etimológica e semanticamente equivalente ao “sinhô” brasileiro. Na época colonial era usado para designar os mestiços e europeus locais. A origem portuguesa refere-se ao fato de que a miscigenação colonial iniciou-se em grande medida com a vinda de escravos indo-portugueses para Batávia no século XVII (N.T.).

⁴¹ *De Nieuwe Vorstenlanden*, 18/01/1884.

organizações nunca se tivesse substanciado, os empregados das ferrovias em Batávia mantiveram um interesse no partido. Eles eram elementos ativos dentro da *Indische Bond*, cuja fundação coincidira com as primeiras tentativas de construir um sindicato de ferroviários em 1898.⁴² O fato de que comitês locais embrionários estivessem espalhados por muitas cidades, vilarejos e aldeias em Java retardou o estabelecimento de um sindicato ferroviário índico até 1906. A *Indische Bond*, por outro lado, pôde contar quase imediatamente com o apoio de vários jornais, mesmo em cidades remotas como Padang e Medan (Sumatra), Macassar e Banda. Contudo, era demasiado centrada em Batávia para manter seus escritórios locais, a maioria dos quais desapareceu após alguns anos. A consciência do status legal de europeu explica porque a *Indische Bond* não se espalhou entre os cristãos indígenas falantes de neerlandês. Pelo contrário, naqueles locais onde havia uma forte cultura mestiça, não se fizeram esforços para estabelecer ramos da *Indische Bond*. Foi assim especialmente em Minahassa e nas Molucas, onde milhares dos assim chamados *burgers* viviam sob administração holandesa direta.⁴³

Os poucos testemunhos que existem sugerem que a base da *Indische Bond* consistia principalmente em funcionários da burocracia estatal e ferroviários em Batávia. Pertenciam aos estratos administrativos inferiores que perfaziam naquela época cerca de metade da sociedade europeia. Não é de admirar que o governo índico se preocupasse tanto com o surgimento da *Indische Bond*. Ademais, não interpretou esse movimento popular sem precedentes como uma variante índica de emancipação da classe trabalhadora, mas principalmente como uma manifestação de descontentamento, etnicamente motivada e potencialmente incontável, dos europeus desenraizados de ascendência mista.⁴⁴ Como parte de seus reflexos paternalistas, o governo iniciou a investigação mencionada acima, de 1902, sobre as causas da pobreza extrema entre os

⁴² Fritjof Tichelman, *Socialisme in Indonesië: De Indische Sociaal-Democratische Vereeniging 1897-1917*, Dordrecht, KITLV Press / IISG, 1985, pp. 116-8.

⁴³ No que é hoje a Indonésia oriental, existiu no período colonial toda uma classe de cristãos indígenas (católicos e protestantes) que viviam sob um estatuto próprio como “burgers” (literalmente, “cidadãos”), sem a intermediação de chefes e príncipes tradicionais como em outras partes do arquipélago (N.T.).

⁴⁴ Bosma, *Karel Zaalberg*, p. 121.

européus da colônia. Os investigadores por sua vez não só não conseguiram se reconciliar com a consciência de classe, como também ofenderam a auto-estima de muitos funcionários administrativos ao incluir o mais baixo escalão do governo na pesquisa sobre as causas da indigência européia. Em seu editorial, o *Bataviaasch Nieuwsblad* rotulou a investigação de exercício inquisitório, que invadia a privacidade e ofendia a auto-estima de funcionários públicos honrados, os quais sofriam com seus salários míseros.⁴⁵ Numa tentativa de apaziguar a raiva expressa por aquele jornal, os investigadores deram a seu relatório um estranho tom malthusiano ao explicar que a pobreza não era só uma questão de renda, podendo também ser consequência de um estilo de vida e do número de filhos a serem alimentados. Os europeus prósperos acharam essa argumentação inteiramente aceitável, já que tinham suas próprias histórias sobre famílias indos. Estas não podiam nem alimentar nem vestir o que, freqüentemente, vinha de fato a ser seus muitos filhos, mas ainda assim mantinham empregados domésticos. Mas o *Bataviaasch Nieuwsblad* estigmatizou a investigação como uma tentativa de explicar a frágil posição econômica e social dos funcionários públicos administrativos através de seu modo de vida supostamente irresponsável.

Embora o relatório sobre a indigência fosse inegavelmente influenciado pelo pressuposto de que a miscigenação contribuía para a privação social, membros mais esclarecidos da comunidade empresarial bataviana achavam que as queixas dos indos sobre o descaso do governo com relação às escolas secundárias e o treinamento vocacional eram inteiramente justificadas. Eles queriam passar da natureza para a formação⁴⁶, o que estava também mais próximo das realidades índicas. Afinal de contas, a inclinação para viajar para a metrópole sempre havia sido a linha divisória, muito mais que a raça. Um interesse próprio e esclarecido também levou as elites índicas a se esforçarem por uma educação melhor nas Índias. Já que a vida na colônia havia se tornado mais agradável e menos insalubre, desejavam manter seus filhos por perto em lugar de enviá-los para os Países Baixos para serem educados. Residentes proeminentes de Batávia se apoderaram da *Indische*

⁴⁵ *Bataviaasch Nieuwsblad*, 04/01/1902.

⁴⁶ “From nature to nurture”, isto é, da “raça” para a “educação / formação” (N.T.).

Bond e tentaram reformar a organização, criando uma sociedade para a promoção da educação para os europeus nascidos nas Índias. Assim, a distância entre as elites índicas e a classe emergente indo foi um tanto quanto reduzida, embora não desaparecesse. Em 1899, membros de ambos os grupos reuniram-se por acordo mútuo num encontro da *Indische Bond*, para protestar contra os planos de Haia de acabar com o treinamento para o serviço público colonial em Batávia.⁴⁷

Esse cessar-fogo, contudo, não durou muito. Em contraste com a base, a diretoria da *Indische Bond* tinha uma visão ampla do que eram as “Índias” e não desejavam servir exclusivamente aos interesses indos. Já que a sociedade índica jamais houvera se preocupado em excluir explicitamente os javaneses e chineses educados, a diretoria da *Indische Bond* achou que deveria abrir a organização para todos os residentes civilizados das Índias. Encontrou a oposição ferrenha de Andriess que obteve apoio do jornalista Karel Wybrands, baseado em Batávia. De origem pobre em Amsterdã, Wybrands ainda era um progressista, pelo menos nominalmente, e não havia ainda se tornado o retrógrado colonial notório dos anos de 1920. Em sua opinião a *Indische Bond* deveria servir exclusivamente à luta de emancipação dos indos, que ele entendia em termos de classe. Após uma campanha editorial profundamente jocosa de Karel Wybrands, a diretoria da *Indische Bond* demitiu-se em 1902. Em contraste com os tempos de *Soeria Soemirat*, os indos recusavam-se a ser emancipados sob tutela.⁴⁸

A revolta no bojo da *Indische Bond* era um sinal claro de emancipação, mas estava longe de resistir à “neerlandezação”. Ideologicamente, a base da organização era pequeno-burguesa, o que se refletia em sua circular de notícias, perpassada por uma oficialidade pomposa. Isto não é de surpreender em absoluto, tendo em mente que a maioria dos articulistas estava empregada em postos administrativos do governo. As esposas, especialmente, eram conhecidas por sua ambição de empurrar seus filhos para uma situação de decência colonial.⁴⁹ Isto cer-

⁴⁷ Bosma, *Karel Zaalberg*, p. 120.

⁴⁸ Bosma, *Karel Zaalberg*, pp. 127-131.

⁴⁹ Isto é, uma situação na qual seriam considerados “decentes” de acordo com os valores da sociedade colonial (N. T.).

tamente não estimulou os membros da *Indische Bond* a se vincular aos javaneses. A própria *Indische Bond* declinou rapidamente após 1902, com seus membros ficando espalhados por vários sindicatos trabalhistas, que caminhavam com muita dificuldade na sociedade índica autoritária. Os jornalistas permaneciam como líderes, na medida em que a importância das organizações formais não era nada, comparada àquela dos jornais.

Karel Zaalberg (1873-1928) e Ernest Douwes Dekker (1879-1950)

Não era uma coincidência que as duas primeiras organizações indosurgissem do jornal de Semarang, *De Telefoon*. A imprensa índica era a única força capaz de expressar as opiniões dos habitantes europeus, já que a liberdade de associação política e de reunir-se não existia até a segunda década do século XX. Os jornais desempenhavam em grande medida o papel de movimentos políticos, uma tradição imitada pelos jornalistas indonésios. O estagiário de Wybrands e pai do jornalismo indonésio moderno, Tirtoadisoerjo, que se tornou famoso em todo o mundo graças aos romances de Pramoedya Ananta Toer, é o exemplo mais proeminente desse tipo de jornalista.⁵⁰ Empregou sua habilidade jornalística para lançar as bases do movimento político e social de massas *Sarekat Islam*, fundado em 1912.⁵¹

Logo após 1900, o *Bataviaasch Nieuwsblad*, que era o maior jornal índico — podia gabar-se de ter cinco mil assinantes e leitores ainda mais numerosos — tornou-se o principal defensor dos interesses indos. Em contraste com a liderança da *Indische Bond*, os editores do jornal conseguiram ampliar os objetivos do movimento indo para incluir a emancipação da Indonésia colonial em geral. Para entender melhor essa

⁵⁰ Pramoedya Ananta Toer é o mais famoso romancista e escritor indonésio do século XX, e Tirtoadisoerjo foi retratado na tetralogia iniciada com a publicação do romance histórico *Bumi Manusia (Terra dos Homens)* em 1980. A tetralogia é conhecida como “quarteto de Buru”, em referência à ilha para onde o governo Suharto exilara Pramoedya e onde este escreveu os livros, que talvez sejam as obras indonésias mais famosas e conhecidas no estrangeiro (N.T.).

⁵¹ Adam, *The Vernacular Press*, pp. 111-124.

abertura da consciência política indo precisamos retornar ao romancista índico Daum, que fundara o *Bataviaasch Nieuwsblad* em 1885. Em 1892 indicara como braço direito Karel Zaalberg, um jovem indo brilhante que tinha quase unicamente a educação primária. Daum havia adequado a escolha à sua crítica de que a sociedade colonial com demasiada frequência negava ao indo uma oportunidade justa. Era um homem de profunda convicção positivista que via a melhoria da sociedade eurasiática primariamente como uma questão de educação. Em realidade, suas idéias haviam inspirado a liderança da *Indische Bond* expulsa por Andriesse e Wybrands. E, tal como essa liderança, Daum não considerava o problema da educação algo inerente às pessoas de ascendência mista, e sim uma consequência do colonialismo míope. Afinal de contas, essa educação acabava por iludir todas as crianças nascidas nas Índias cujos pais não podiam pagar seus estudos nos Países Baixos. Zaalberg mostrou ser um aluno leal de Daum, e deu até um passo adiante de seu antigo mestre. Em sua opinião, não só os indos e as elites índicas deviam unir suas forças para promover a educação, mas também as elites javanesas, que se fizeram ouvir nos primeiríssimos anos do século XX.⁵²

Contudo, o nacionalismo tornou-se de fato um tema corrente em Java em torno de 1906, quando outras sociedades asiáticas — Japão, China, Filipinas e Índia — abalaram pela primeira vez a hegemonia europeia. Por essa época, a modernização das sociedades orientais, no sentido de alcançar a Europa, econômica e militarmente, era uma perspectiva realista. Isto ia de encontro à política ética, que fora oficialmente inaugurada em 1901 como a nova direção do colonialismo neerlandês, ao mesmo tempo em que a contradizia. A política ética se assemelhava à crescente consciência nacional em seus objetivos de obter a independência econômica das Índias e de torná-las auto-suficientes quanto ao preenchimento da maior parte dos cargos burocráticos de baixo e médio escalões. Contudo, entrava em confronto com o “Despertar do Oriente”, exatamente por causa do pressuposto de que os povos do arquipélago necessitavam de uma firme tutela neerlandesa para progredir. Ainda mais que no século XIX, uma educação neerlandesa impecável e a

⁵² Bosma, *Karel Zaalberg*, p. 57.

imersão na sociedade metropolitana tornaram-se os pré-requisitos para os funcionários coloniais proeminentes. O governo índico não hesitava em dizer que considerava os indos como impróprios para a tutela. Tampouco não via nenhuma boa razão para pagar o indo melhor que o javanês só por causa do status do primeiro perante a lei. Assim, a despeito de suas intenções progressistas, a política ética abalou a crescente consciência social das classes indos e tornou-as muito desconfiadas em relação ao curso da política colonial neerlandesa.

Assim como no passado, ser indo significava estar relegado às margens da sociedade colonial. Mesmo o mais importante porta-voz indo, Karel Zaalberg, teve que aguardar anos antes que pudesse ocupar o posto para o qual Daum o preparara. O fato de que ele era um *self-made man* tinha pouquíssima importância. Seu rival, Karel Wybrands, não havia sido menos autodidata. Sua aparência de indo não o ajudava muito, mas não era tão importante quanto o fato de nunca haver estado nos Países Baixos. Seu patrão não o podia dispensar por alguns meses. O que o levou a obter o posto em 1908 foi a simples ameaça de que deixaria o *Bataviaasch Nieuwsblad* caso não fosse indicado editor-chefe. Não é de admirar que o ar de paternalismo e a exibição de superioridade moral dos protagonistas holandesas da política ética e sua rejeição óbvia do hibridismo cultural fossem uma fonte de profunda irritação para Karel Zaalberg. Certamente, Zaalberg abraçava a idéia de uma política de bem-estar social colonial e culpava o governo índico por não fazer o bastante. Também imbuía seus leitores indos de um novo sentido de orgulho de sua contribuição para o desenvolvimento das Índias. Contudo, acreditava firmemente que o tipo de tutela colonial sobre os povos do arquipélago incrustada na política ética era datada. Quase como um ato de desafio, tornou Ernest Douwes Dekker, um indo brilhante e rebelde, seu substituto em 1907.

Douwes Dekker deu o próximo passo para ampliar a latitude da consciência de classe indo ao fazer amigos entre os alunos da escola *Dokter Djawa*, onde os clínicos gerais indígenas eram treinados.⁵³ Com-

⁵³ “Dokter Djawa” (“Doutor Java”, referindo-se aos médicos javaneses) era o nome coloquial dado à faculdade colonial de medicina para “nativos” (N.T.).

partilhava com alguns deles um envolvimento com a teosofia, cujo sincretismo budista-cristão era eclético o suficiente para uma reaproximação entre Oriente e Ocidente. Era especialmente importante no contexto índico que a sociedade teosófica relativamente recente pudesse se assentar na tradição maçônica estabelecida, que era muito influente entre as elites índicas e entre os nobres de alta estirpe da corte de Jogjacarta.⁵⁴ Por trás das portas cerradas das lojas maçônicas já havia sido cruzada a linha entre o cristianismo e o islamismo. A teosofia contudo era mais politicamente estridente e engajada que a maçonaria.⁵⁵ Ademais, sua reivindicação de sabedoria esotérica acarretava uma oposição aos valores científicos positivistas, que por sua vez serviam como linha divisória adicional entre Oriente e Ocidente. Em suma, a teosofia oferecia um espaço espiritual índico-javanês que não podia ser tomado por “expatriados materialistas”.

Ao mesmo tempo, altos funcionários, influentes no governo índico, entre eles o famoso islamologista e suposto teosofista, Snouck Hurgronje, conseguiram amainar o tom de superioridade moral e cultural.⁵⁶ Com seu status intelectual inquestionável, ele fez muito para abrir os olhos do governo índico para o fato de que uma atitude acolhedora com relação ao movimento de emancipação javanês fortaleceria, em lugar de enfraquecer, os laços das elites javanesas com o Ocidente.⁵⁷ De seu lado, os intelectuais javaneses manifestaram o caráter desejável de uma regeneração de sua sociedade, como foi demonstrado claramente por Kartini em seu “Van duisternis tot licht” (Das trevas à luz).⁵⁸ A sede das modernas elites javanesas por conhecimento e seus pedidos de expansão

⁵⁴ Principal corte javanesa, que ainda detinha certa influência política e imenso prestígio social (N.T.).

⁵⁵ Nesse sentido, podemos nos referir ao papel de Annie Besant, líder da Sociedade Teosófica que havia estabelecido seu quartel-general em Madras (Índia), onde se tornou uma propagadora ardente de *Home Rule* (Governo Autônomo) para a Índia Britânica, o que levou à sua prisão em 1917. Ver Annie Taylor, *Annie Besant: a biography*, Oxford, Oxford University Press, 1992, pp. 304-307.

⁵⁶ J de Bruijn e G. Puchinger (orgs.), *Briefwisseling Kuypers-Idenburg*, Franeker, Wever, 1985, pp. 292-294 e 307.

⁵⁷ Outra figura influente foi o diretor do Departamento de Educação, J. H. Abendanon. Ver H. van Miert, *Bevlogenheid en onvermogen: Mr. J. H. Abendanon (1852-1925) en de Ethische Richting in het Nederlandse kolonialisme*, Leiden, KITLV Press, 1991.

⁵⁸ Joost Coté, *Letters from Kartini: an Indonesian feminist*, Clayton, Victoria, Asia Institute / Monash University, 1992.

da educação, finalmente, se adequavam bem às reivindicações dos indos e, é bom não esquecer, às do comércio ocidental. Graças a uma economia mundial em florescimento, necessitava-se desesperadamente de pessoal que pudesse ler e escrever. O otimismo com relação a interesses convergentes foi incluído na doutrina popular de associação — cuja autoria pertencia a Snouck Hurgronje — a qual postulava que o domínio colonial poderia ser reformado e transformado em laços de amizade e interesse mútuo entre a metrópole e as Índias. Em termos políticos, havia a perspectiva atraente das Índias autônomas, algo que a imprensa índica solicitava desde os anos de 1880.

Mais uma vez, a emancipação indo desenvolveu-se em uma relação dialética com o conservadorismo colonial. Uma vez que ficou amplamente evidente que os indonésios possuíam a capacidade intelectual para cuidar de seus próprios assuntos tão bem quanto os membros da raça caucasiana, os defensores do status quo colonial deslocaram seu argumento do nível intelectual para o moral. Argumentaram que a sociedade javanesa era presa de vários vícios morais, por exemplo a corrupção endêmica e a falta de compreensão dos conceitos de igualdade e justiça. De acordo com os funcionários públicos coloniais conservadores, esses defeitos não poderiam ser sanados treinando-se funcionários indonésios. Pelo contrário, estabelecer, por exemplo, uma universidade na sociedade índica “imatura” poderia vir a ser um experimento mefistofélico. O *Bataviaasch Nieuwsblad*, seus amigos na escola *Dokter Djawa* e professores de treinamento vocacional em Batávia mantinham opiniões igualmente intensas, mas opostas. Consideravam a rejeição ao estabelecimento de novos cursos superiores e o fechamento dos já existentes que formavam funcionários de alto escalão no governo colonial e nos negócios — um exemplo era o curso em Batávia para funcionários públicos — como atos deliberados no sentido de assegurar que as Índias jamais produzissem as elites que poderiam substituir a liderança holandesa. Os chineses ricos já haviam chegado à conclusão de que não se podia esperar muito do governo colonial, e estabeleceram sua própria associação escolar, a *Tiong Hoa Hwee Hoan*, no início do século.

Nesse momento a velha agenda política das Índias convergiu em termos práticos com as aspirações chinesas e javanesas, que foram

unidas por Douwes Dekker na Associação Universidade Índica em 1909. Na diretoria estavam representados intelectuais javaneses, líderes chineses, assim como a comunidade empresarial índica.⁵⁹ Em realidade, essa associação lançou as bases para a mais antiga universidade indonésia em Bandung. O movimento pela universidade foi um ato de desafio à tutela da metrópole. Dúvidas profundas com relação à tutela colonial nunca deixaram o movimento indo, nem sequer quando alcançou águas mais acomodatórias nos anos de 1920.

Movendo-se em direção a um parlamento índico: o Partido Índico

A idéia de um movimento parlamentar índico não era inteiramente nova em 1910. Havia estado na agenda da *Indische Bond* e fora mantida bem viva pelos editores do *Bataviaasch Nieuwsblad* durante os últimos anos. Isto nos permite compreender a Associação Universidade como parte da busca de uma sociedade civil a qual incluiria todos segmentos da sociedade colonial que haviam recebido educação ocidental. Enquanto isso, em torno de 1910, os sindicatos ferroviários passaram a aceitar sócios indonésios, enquanto que a Insulinde — uma organização de indos recente, baseada em Semarang — considerava abrir suas fileiras. A educação e o sindicalismo trabalhista, e mesmo a religião e a filosofia, haviam mostrado ser as esferas onde as fronteiras entre intelectuais javaneses, chineses e eurásianos podiam ser atravessadas. Contudo, esse terreno comum não existia no que dizia respeito à idéia de nacionalidade. Embora não estivesse ausente, esta idéia era fragmentada devido a percepções diversas da etnicidade e da cultura. Em contraste com a Índia Britânica, onde o Congresso Nacional Indiano (CNI) estivera ativo de 1885 em diante, a busca de um governo autônomo era virtualmente desconhecida na colônia holandesa. E enquanto o CNI podia contar com o apoio de milhares de intelectuais indianos, só uma fração ínfima da elite indonésia havia recebido educação ocidental — fração que ademais era composta, em sua maioria, por funcionários públicos.

⁵⁹ “Jaarverslag der IUV over 1911”, *Bulletin der Indische Universiteits-Vereeniging*, I (1912) p. 7.

O programa de cidadania proposto pelos líderes indos Karel Zaalberg e Douwes Dekker era, portanto, simplesmente ousado demais para a maioria dos intelectuais javaneses. Os poucos membros de Boedi Oetomo⁶⁰ que tinham coragem suficiente para falar de política eram amigos pessoais de Douwes Dekker que discordavam profundamente da orientação cultural nacionalista javanesa de sua própria associação.⁶¹

A ausência de um sentido multiétnico de nacionalidade índica explica porque Douwes Dekker e Zaalberg tentaram reviver o conceito de “Jovem Índia”. Era uma expressão bastante conhecida entre as pessoas índicas, e tinha a vantagem adicional de que podia ser interpretada de maneira mais abrangente do que “Jovem Javanês”, sua contrapartida para membros de Boedi Oetomo. Assim, “Jovem Índia” tornou-se uma bandeira maior sob a qual os editores de *Bataviaasch Nieuwsblad* pretendiam arregimentar um grande movimento em prol de um governo parlamentar para a colônia. Ambiciosa como poderia parecer, sua tentativa estava ainda assim confinada a um pequeno grupo de pessoas. O número total de associados de Boedi Oetomo, da associação chinesa Tiong Hoa Hwee Koan e das associações e sindicatos indos fragmentados não superava os quinze mil. Em 1910, somente dois anos antes que o Sarekat Islam ameilhasse centenas de milhares de seguidores, ninguém poderia imaginar um movimento nacionalista de massa. Os parâmetros da antiga sociedade índica ainda estavam estabelecidos, e tornaram concebível para os intelectuais indos, apesar de pertencerem a uma minoria minúscula, ver para si mesmos um papel de liderança no nacionalismo emergente.

Para ampliar e deslocar nosso foco dos dois jornalistas indos mais importantes para as classes indos de modo geral, podemos nos perguntar como as idéias de Zaalberg e Douwes Dekker se coadunavam com a consciência política e social de seus leitores. Obviamente, era impensável que seu jornal popular pudesse ser escrito de uma maneira que fosse trivial ou ofensiva às convicções de seu público. Os leitores índicos eram relativamente rápidos em mostrar suas apreensões assinando outro jor-

⁶⁰ Boedi Oetomo foi a primeira organização javanesa, criada em 1908 por aristocratas e nobres (N.T.).

⁶¹ Bosma, *Karel Zaalberg*, p. 169.

nal. Contudo, o que interessa mais aqui são os numerosos artigos e cartas para o editor em diversos jornais, que revelam uma mudança no pensamento sobre a etnicidade entre as classes indos ao redor de 1911. De interesse especial para a audiência índica era o primeiro assim chamado “Universal Races Congress” (Congresso Universal das Raças), a ser realizado em Londres naquele ano. A despeito do nome, esse congresso não era sobre a raça no sentido biológico, mas sobre as etnicidades como expressões múltiplas da humanidade universal. A idéia era promover a paz mundial combatendo o preconceito racial. Isto inspirou os indos a refletir criticamente sobre seus próprios sentimentos de superioridade com relação aos outros povos indígenas de Java.⁶² Ainda assim, ninguém que se denominasse a si próprio indo pensaria em seu status colonial europeu como um construto colonial e como uma fronteira artificial entre si mesmo e outras pessoas nascidas no arquipélago. Afinal de contas, alguém simplesmente portava o nome de seu pai, de quem herdara seu status europeu. Douwes Dekker tentou mais de uma vez mostrar a seus leitores que estes traíam suas mães javanesas ao pensar assim, mas é duvidoso que isto tenha tido muito efeito. O sentido de comunidade dos indos havia-se formado no decurso de uma longa luta para assegurar seus status e direitos europeus como colonos.

Mesmo Douwes Dekker não podia vergar a consciência social e política na direção que quisesse, e falava, sabiamente, o idioma usado antes dele. Adotou o slogan de Andriess de *Indië voor de Indiërs* (Índia para os índicos), embora tentando ampliar seu significado. Até então *Indiërs* só havia sido empregado para os indos, já que os outros se denominavam a si próprios de javaneses, sundaneses, amboinenses e assim por diante. Após uma reflexão altamente complexa, Douwes Dekker concluiu que já que os indos — ou *Indiërs*, como os chamava — não tinham uma identidade regional, não tinham uma identidade a perder caso se tornassem os primeiros a adotar a nova idéia de um nacionalismo que abarcasse todo o arquipélago. Seu próximo passo foi tornar *Indië* sinônimo de todos aqueles que considerassem as Índias

⁶² “Kan er in de vereeniging Insulinde samenwerking bestaan tusschen het blanke, bruine en het gele ras?” [“Pode existir na associação Insulinde cooperação entre as raças branca, marrom e amarela?”] in *Insulinde*, n. 3, 01/09/1912, p. 9.

como um todo sua terra pátria.⁶³ Desse modo, Douwes Dekker merece historicamente crédito por ter sido o primeiro a definir o conceito de uma cidadania índica ou indonésia relacionada não a categorias étnicas ou raciais, mas a uma comunidade política. Ele chegou mesmo a estender a mão para as elites índicas, que estavam de fato mentalmente entre os dois mundos: o das Índias e o da metrópole. Em sua opinião, a sociedade índica poderia tornar-se o núcleo de um corpo de cidadãos índicos (adiante debatarei como esse tema surgiria de novo quase duas décadas mais tarde). Outra evidência da importância histórica do movimento parlamentar de Douwes Dekker em 1912 é o assim chamado Partido Índico.

Uma característica geralmente ignorada desse movimento é que se baseara no modelo do Congresso Nacional Indiano.⁶⁴ Esse conglomerado de organizações refletia a enorme diversidade étnica e religiosa da Índia Britânica. Douwes Dekker podia capitalizar seu histórico de haver criado a Associação Universidade Índica, e sua amizade com os antigos alunos da escola Dokter Djawa. Deve-se mencionar em especial Soewardi Soerjaningrat e Tjipto Mangoenkoesoemo. Ambos eram teosofistas e haviam se desligado de Boedi Oetomo. As expectativas de Douwes Dekker de poder construir seu movimento com calma nos dois anos seguintes foram não obstante esmagadas pelas reverberações da revolução política no coração do mundo islâmico. Em 1912, as notícias sobre o colapso iminente do califado otomano causaram ansiedade entre a população muçulmana de Java. Simultaneamente, o orgulho nacionalista chinês ascendente — que foi demonstrado pelos chineses que empunhavam bandeiras republicanas em Surabaia — gerou revoltas comunais. Foi no mesmo mês de agosto de 1912 que os amigos de Douwes Dekker tomaram a liderança das eurásianas Indische Bond e Insulinde, e que o alto nobre de Jogjacarta, Notodirodjo, uma mente progressista e independente, tornou-se o novo presidente de Boedi Oetomo. Não é certo que seus amigos políticos estivessem por trás dessa mudança de poder, mas o próprio Douwes Dekker não hesitou em mostrá-la como vitória de seus associados. Além de todas essas mudanças importantes,

⁶³ *De Express*, 06/07/1912.

⁶⁴ Bosma, *Karel Zaalberg*, p. 211.

adveio, mais uma vez em agosto de 1912, o nascimento do Sarekat Islam, que logo viria a causar grande impressão.

Desenvolvimentos inteiramente sem relação um com o outro na China e na Turquia misturaram-se à política índica local num momento singularmente revolucionário, que Douwes Dekker explorou com entusiasmo para acelerar seu movimento parlamentar. A sete de setembro de 1912 ele anunciou o nascimento do Partido Índico. Dias depois, bastou um único artigo do Comitê Executivo da Associação Médica nas Índias para por fogo no que estava no ar. Protestando contra a abertura da segunda faculdade de medicina em Surabaya para todos os grupos étnicos (indonésios, chineses e europeus), os médicos alegaram que só eurasiáticos e chineses de meios modestos nela entrariam, já que os mais prósperos prefeririam mandar seus filhos para os Países Baixos. Maculados por sua formação nas Índias, esses médicos de classe baixa ganhavam a vida fazendo abortos e teriam o adultério como passatempo. Esse artigo era extremamente rude e punha sal na antiga ferida da ausência quase total de educação superior nas Índias. Douwes Dekker decidiu dar prosseguimento à sua campanha para o Partido Índico e iniciou uma turnê por Java, na qual levantou questões relativas à discriminação contra o indiano, ao pobre histórico do governo colonial na área de educação e à necessidade de um parlamento índico. O entusiasmo entre os indios foi avassalador — mas os intelectuais javaneses também falavam sobre o movimento com grande simpatia, embora alguns deles tivessem se silenciado após terem indagado ao governo colonial o que deveriam pensar a respeito de Douwes Dekker, e de Soewardi Soerjaningrat e Tjipto Mangoenkoesoemo, que haviam se juntado a ele nesse ínterim. Contudo, sua timidez desapareceu depressa assim que a maioria moderada da imprensa índica não condenou logo o Partido Índico, mas sim encampou o princípio de mais escolas e maior autonomia governamental para as Índias.⁶⁵

Como esse movimento ter-se-ia desenvolvido caso seu êxito, e as chuvas de aplausos que o acolhiam em cada comício, não houvessem virado a cabeça de Douwes Dekker? Pelo que foi dito acima, deve estar

⁶⁵ Aqui nos baseamos em grande medida em Bosma, *Zaalberg*, pp. 211-223.

claro que a idéia de imitar o Congresso Nacional Indiano na Indonésia colonial não era um castelo nas nuvens. Contudo, como foi dito, Douwes Dekker de fato exagerou. Começou a acreditar que sua vocação era ser profeta e mártir da nacionalidade. No encontro constitucional do Partido Índico, no dia de natal de 1912, anunciou que seu partido se dedicaria à preparação de uma existência independente do povo das Índias. Ele queria tomar ao pé da letra a política ética do governo colonial, explicou à sua audiência entusiasta mas provavelmente longe de atenta. A resposta veio meses mais tarde. O Partido Índico foi declarado ilegal em março de 1913, o que foi seguido de uma ordem de expulsão para seus três líderes, Douwes Dekker, Tjipto Mangoenkoesoemo e Soewardi Soerjaningrat, em setembro de 1913.⁶⁶ Incidentes dispersos e rumores assustadores sobre extremismo islâmico que cercavam o Sarekat Islam, o qual crescia de forma turbulenta, pressionaram o governo índico a agir. A ironia do destino é que o triunvirato teosófico do Partido Índico foi banido exatamente porque se dava muito bem com o movimento islâmico supostamente extremista Sarekat Islam. Os dois movimentos se vinculavam através de seus ativistas de Bandung — Soewardi Soerjaningrat era um deles —, que continuaram a fazer campanha por um parlamento índico. A liderança do Partido Índico foi sustada num momento em que já estava a meio caminho de criar um Congresso Nacional Indiër.

Definindo a consciência histórica indo

O Partido Índico só havia morrido para se reencarnar nos primeiros contornos de uma sociedade civil índica. A maioria dos ardorosos partidários de Douwes Dekker o haviam prontamente denunciado por sua declaração, nada palatável, sobre o caráter desejável de uma Índia independente. Contudo, ao mesmo tempo, orgulhavam-se do fato de que seu Partido Índico tinha sido instrumental no estabelecimento de um Volksraad (Conselho Popular), um corpo representativo com poderes semi-legislativos, que se reuniu pela primeira vez em Batávia em 1918. Seus membros, extraordinariamente, eram índicos. Estavam presentes, por exemplo, David Birnie, o rei do tabaco de Java Oriental, e o plantador de chá K.

⁶⁶ *Javasche Courant*, 19/08/1913.

A. R. Bosscha, membro do clã dos Holle, que desceu para Batávia de sua esplêndida mansão malabar nas colinas das montanhas do Preanger, onde havia também construído um observatório. Inevitavelmente, estavam presentes os teosofistas loquazes Hinloopen Labberton e seu amigo Abul Moeis, este último vice-presidente do Sarekat Islam. A Tjipto Mangoenkoesoemo, retornado do exílio e indicado como membro, se juntaram dois de seus associados políticos, os sindicalistas ferroviários indos G.L. Topee e J.J.E. Teeuwen. Ninguém poderia duvidar da vitória retumbante da sociedade civil índica.

Os dois anos de preparação para as primeiras eleições para o Volksraad haviam dado ampla oportunidade para refletir sobre a identidade, história e futuro indos. Mesmo para os observadores da época era óbvio que as Índias atravessavam um divisor de águas entre os velhos tempos e uma nova era de movimentos populares. O tom da imprensa refletia o otimismo geral, baseado no fato de que até então a sociedade colonial havia sido capaz de absorver o nascimento do primeiro nacionalismo sem muitos problemas. A idéia de uma nação índica podia crescer em isolamento cômodo da metrópole, já que as circunstâncias da Primeira Guerra Mundial impediam os contatos com os Países Baixos. Ademais, a Europa começara a perder seu monopólio da modernidade na Índia. Em 1916, por exemplo, iniciou-se a primeira linha oceânica direta para os Estados Unidos. Foi mais de importância simbólica que de consequência prática imediata, já que comportava a promessa de uma Índia relacionada ao Pacífico, em lugar de uma modernidade ocidental, como realidade futura. A americanização da vida índica foi algo que se iniciou na Primeira Guerra Mundial e cresceria nas décadas vindouras.⁶⁷ Os cinemas e o sanitarismo tornaram-se as novas vitrines da modernidade colonial. Não é em absoluto coincidência que as pesquisas sobre “tempo doeloe” tenham se iniciado durante a Primeira Guerra Mundial. Os primeiros esforços no sentido de escrever as histórias das famílias e mapear a antiga sociedade índica se fizeram ao redor de 1916.

Contudo, uma maior liberdade política permitia articular manifestações de identidade étnica e também de ultraje com relação aos vícios da

⁶⁷ Allard J.M. Möller, *Batavia a swinging town!: Dansorkesten en jazzbands in Batavia 1922-1949*, Haia, Moesson, 1987.

economia colonial. Os intelectuais indos faziam declarações admoestadoras a respeito do nacionalismo como uma força que poderia excluir os *peranakan* chineses e europeus.⁶⁸ Caso essa tendência persistisse, destruiria toda perspectiva de se criar uma sociedade civil índica. Em um de seus editoriais de 1917, Karel Zaalberg expressou-se claramente a respeito do assunto. A autodeterminação dos povos não era só moralmente justa, mas também historicamente inevitável desde que as forças aliadas haviam vencido a Primeira Guerra Mundial. Contudo, ao mesmo tempo, ele rejeitava o nacionalismo como demasiado estreito para um mundo que se tornava cada vez mais interdependente.⁶⁹ Tanto como reação ao que considerava um nacionalismo exclusivo quanto como expressão da diferença étnica e histórica indo, ele adotou a expressão *Indische Nederlander* (neerlandês índico). Exclusivo como esse nome era, espelhava de maneira precisa os interesses de Zaalberg. Ele percebia o futuro das classes indos com profundo pessimismo, já que temia que estas imergiriam nas massas indonésias que também houvessem terminado sua educação primária. Prometeu que lutaria contra a extinção dos indos.⁷⁰

Lá pelo final da Primeira Guerra Mundial não estava claro como essa luta teria de ser travada. Houve várias tentativas malogradas antes que Zaalberg pudesse presidir o primeiro encontro da Indo-Europeesch Verbond (IEV), ou Liga Indo-Européia, em 1919. Preservaria essa organização a posição economicamente privilegiada do indo em comparação à da maioria esmagadora dos indonésios? Zaalberg e líderes subsequentes da IEV nunca tiveram ilusões a respeito de sua capacidade de consegui-lo. As leis da oferta e da procura ditavam que o trabalho menos especializado se tornasse mais barato à medida que indonésios com educação primária e até secundária entrassem no mercado de trabalho. Em realidade, a IEV tinha um apelo muito mais restrito do que o esperado, quando se tratava de assuntos de sobrevivência. O êxito sobreveio quando a educação primária européia, e portanto o futuro das crianças

⁶⁸ “Peranakan” – “filhos da terra”, expressão colonial usada para designar mestiços europeus e chineses (N.T.).

⁶⁹ *Bataviaasch Nieuwsblad*, 13/11/1917.

⁷⁰ *Bataviaasch Nieuwsblad*, 04/06/1917.

indos, foi posta em jogo. Em 1921, o governo índico fez um gesto no sentido de fundir a segunda classe da educação primária europeia — freqüentada majoritariamente por crianças indos — com o sistema de educação nativo, numa escola popular aberta tanto a europeus como a indonésios.⁷¹ Ao mesmo tempo, o governo anunciou que contrataria professores alemães para fazer face à grave falta de professores nas escolas primárias.⁷² A questão da educação havia preparado o terreno para o Partido Índico de Douwes Dekker, e agora salvava a IEV do esquecimento. Nunca antes os indos estiveram tão mobilizados como nos anos de 1920, quando a IEV podia gabar-se de ter 13.000 sócios. Estimava-se que uma em cada três famílias índicas fosse sócia.⁷³

O programa da IEV obviamente tinha raízes na emancipação das classes indos no século XIX e na mentalidade pequeno-burguesa que se havia inscrito em sua consciência. A tradição do Iluminismo tinha-se enfronhado na visão de mundo índica através da poderosa imprensa índica e das lojas maçônicas. Não era coincidência que a quase totalidade da liderança da IEV consistisse de maçons.⁷⁴ Seu compromisso com o programa educacional (isto é, com o estabelecimento de escolas normais e com a educação universitária nas Índias Neerlandesas) tinha relevância menor para os indos desprivilegiados; contudo, mesmo os membros mais críticos e socialmente engajados da IEV aceitaram esse compromisso como inevitável, ainda que de maneira relutante. Os líderes da IEV conseguiram convencer os membros que era preciso elevar as classes indos ao mesmo nível intelectual e social dos expatriados (*trekkers*). Estavam imbuídos da ambição de apagar a divisão entre aqueles europeus que podiam viajar entre as Índias e a metrópole e aqueles que não podiam.⁷⁵

⁷¹ O sistema educacional colonial estava dividido em escolas separadas para “nativos”, “europeus” e “orientais estrangeiros”. O sistema escolar para europeus possuía ademais dois tipos de escola, de primeira e segunda classe, com os brancos geralmente freqüentando o primeiro. A diferença entre as duas estava no peso do neerlandês no currículo e no grau de fluência dos alunos nesse idioma. As escolas de segunda classe eram consideradas inferiores (N.T.).

⁷² *Indo-Europeesch Verbond: Jubileum-nummer Onze Stem*, nº 10 (1929), p. 24.

⁷³ Ulbe Bosma, “Indië voor de Indiërs. Politiek en pers”, in Wim Willems et alii (orgs.), *Uit Indië geboren. Vier eeuwen familiegeschiedenis* (Zwolle, Waanders, 1997), p. 109.

⁷⁴ Paul W. van der Veur, *Freemasonry in Indonesia: From Rademacher to Soekanto, 1762-1961*, Athens, Ohio, Ohio University Center for International Studies, 1976, pp. 12-13.

⁷⁵ *Bataviaasch Nieuwsblad*, 28/05/1921.

Isto explica porque esses líderes ampliaram o significado da palavra indo-europeu para incluir os holandeses brancos nascidos nas Índias. Claro, a etnicidade não é assim tão maleável, e poucos acreditaram nessa ampliação de significado. Contudo, o objetivo da liderança da IEV era alcançar aquelas pessoas índicas que negavam sua ancestralidade.

Embora a IEV se declarasse uma liga de indo-europeus, seu objetivo era criar uma única classe de *Indische Nederlanders* (neerlandeses índicos). Esse objetivo ia mais além dos ganhos materiais imediatos de salários iguais para os empregados nas usinas de açúcar, professores e funcionários administrativos nascidos nas Índias, em comparação a seus congêneres expatriados — estava carregado de um forte conteúdo simbólico. A IEV lutou durante anos contra o governo colonial, e nunca abandonou seu objetivo de traçar uma linha divisória entre os expatriados e aqueles europeus que “pertenciam” às Índias. Embora tivesse que entrar em acordo com o governo colonial na questão de um salário adicional para os funcionários públicos expatriados, a IEV conseguiu obter que somente os poucos funcionários altamente educados pudessem receber esse bônus. Ademais, o governo índico prometeu acelerar o estabelecimento de uma educação universitária nas Índias. E, por último, mas não menos importante, os indos cujas famílias no passado nunca haviam podido ir aos Países Baixos, e que só recentemente haviam obtido o privilégio de uma licença para ir à metrópole, mantiveram esse privilégio. Ante um movimento nacionalista mais assertivo, o governo neerlandês — assim como as empresas privadas — mostrou-se preparado a pagar um preço pela lealdade dos funcionários públicos e empregados indos.⁷⁶

Em direção a uma cidadania índica

O surgimento da IEV era o estágio final de uma longa luta pela educação, que finalmente solidificou uma comunidade indo. Paradoxalmente, por volta de 1925 a maioria das questões salariais e educacionais havia sido resolvida e, conseqüentemente, os incentivos para a mobilização em massa dos indos desapareceram. Claro, na época a IEV mantinha-se por causa da

⁷⁶ A. J. N. Engelenberg, citado em *Handelingen van de Volksraad*, primeira sessão de 1923, p. 97.

percepção do perigo de um nacionalismo indonésio que era culpado por sua intolerância com relação aos indos. E, embora hesitantemente, a IEV às vezes até ousava tomar uma atitude contra o setor privado ocidental, por sua intransigência em relação à emancipação das Índias.⁷⁷ Contudo, a despeito de seu poder político considerável e representação em órgãos governamentais índicos, a IEV nunca se comprometeu com um programa político. Não obstante, não é muito difícil inferir esse programa. A IEV compartilhava o objetivo dos editores do *Padangsch Handelsblad*, do Soeria Soemirat, do jornalista Andriesse e do Partido Índico, isto é, de substituir a liderança expatriada por uma liderança multiétnica enraizada nas Índias. Os líderes da IEV até mencionavam, tanto de brincadeira como a sério, as elites mestiças da América Latina, que acreditavam ser líderes em seus estados.⁷⁸

Os líderes da IEV moviam-se calmamente em direção a obter um lugar entre a futura liderança das Índias. Trabalhavam com o pressuposto tácito de que a vitória da sociedade índica que se configurara durante a Primeira Guerra Mundial simplesmente tinha de ser consolidada. Nos anos de 1920 a doutrina da associação, que propagava uma cooperação estreita entre as elites indonésia, chinesa e européia, ainda estava viva e dominava o cenário político no Volksraad. O partido mais poderoso ali era um grupo de interesses econômicos, o PEB (Politiek Economische Bond), ou Liga Político-Econômica, ao qual estavam aliados a IEV, os chineses e os nobres javaneses. Essa coalizão apegava-se ainda à idéia de associação e autonomia para as Índias dentro do Reino dos Países Baixos. E é um detalhe revelador o fato de que o líder da PEB, A.J.N. Engelbrecht, era de descendência mista. Em contraste, por um lado, com os intelectuais indonésios, muitos dos quais haviam perdido a fé no Volksraad, chamando-o de engodo, e os expatriados, por outro, que consideravam esse corpo representativo um “salão de chá” (“*praatbarak*”),⁷⁹ a IEV se comprometera plenamente com essa instituição. Seus membros orgulhavam-se de ser os guardiões do império pre-

⁷⁷ “De vakvereniging en wij”, *Onze Stem*, vol. 7, nº 10 (1926), p. 411.

⁷⁸ P. W. van der Veur, *Introduction to a socio-political study of the Eurasians of Indonesia* (Tese de Doutorado, Cornell University, 1955), p. 243.

⁷⁹ *Praatbarak* (literalmente, “barraca de papo”) tem a conotação de um lugar onde só se conversa, e nada se faz (N.T.).

sidido pela Rainha Guilhermina (1898-1948), que, em realidade, nunca se preocupou em pisar nas Índias durante seu longo reinado.

Contudo, por baixo da política da IEV, de preservar o status quo político, as classes índicas como comunidade étnica estavam-se erodindo. A erosão da base social da liga foi muito bem assinalada por Soetan Shahrir, que se tornou mais tarde o primeiro primeiro-ministro da Indonésia. Durante seu exílio político nas ilhas Banda, nos anos de 1930, ele indicou que os indos menos educados tornavam-se, em termos sociais, iguais à força de trabalho indonésia educada, enquanto que os que haviam recebido mais educação já não eram indos porque se tornavam expatriados (*trekkers*).⁸⁰ A etnicidade politicamente forjada da IEV se contradizia no nível pessoal das famílias índicas, muitas vezes multiétnicas. Do membro mais humilde da IEV até seu mais alto líder, Dick de Hoog, a vida privada entrava em conflito com as fronteiras étnicas. De Hoog, por exemplo, casara-se com uma chinesa e adotara seus dois filhos.⁸¹ Este é só um exemplo da confusa complexidade do mapa étnico da sociedade colonial tardia. Para dar outro exemplo, um indo e um cavaleiro amboinês poderiam ser ambos europeus para a administração civil, ter os mesmos empregos e manter relações próximas na esfera privada. Ainda assim, é possível que o amboinês não pudesse juntar-se a seu amigo para jogar tênis no clube. Nessa parte da sociedade prevalecia uma diferenciação entre aqueles que tinham um sobrenome europeu e aqueles que haviam obtido seu status europeu através de uma solicitação oficial.⁸² Esta sociedade deve ter sido governada por muitos códigos confusos a respeito de com quem era permitido a alguém se socializar e, em especial, em que ocasião – nela, o significado das fronteiras étnicas e o preconceito racial eram diferentes em esferas específicas da vida.⁸³

⁸⁰ Soetan Shahrir, *Out of Exile: The greater part of this based upon letters by Soetan Shahrir rewritten and edited in Dutch by Maria Duchâteau-Shahrir*, Nova York, J. Day Co., 1949, p. 158.

⁸¹ Dossiê De Hoog junto à Stichting Indisch Familie Archief, Haia.

⁸² Na sociedade colonial, a partir da década de 1880, pessoas classificadas como orientais estrangeiras ou nativas podiam pedir ao governo sua reclassificação oficial para a categoria de europeu, principalmente quando eram bem-educadas, prósperas e/ou falavam neerlandês fluentemente (N. T.).

⁸³ Cooper e Stoler (orgs.), *Tensions of Empire*, pp. 10 e 16.

Uma das poucas coisas que podem ser ditas de maneira categórica sobre as relações étnicas na sociedade colonial tardia diz respeito à arrogância crescente dos expatriados — e seus cônjuges — que refletia um imenso, novo e sem precedentes influxo de recém-chegados, que começara depois da Primeira Guerra Mundial. Mais do que nunca os expatriados conseguiam importar seu modo de vida metropolitano.⁸⁴ A liderança da IEV estava totalmente despreparada para essa mudança dentro da sociedade colonial europeia. As bases descobriram que o que os expatriados queriam dizer com branco era racialmente branco, não etnicamente branco. Essas tensões por sua vez nutriam uma nostalgia crescente pelos valores dos tempos antigos, “tempo doeloe”, tempo em que a sociedade colonial tinha o bom gosto de pensar e falar não em termos de raça, mas em termos de renda e educação. Afinal de contas, mesmo a notória carta dos médicos, acima mencionada, que havia chocado a sociedade índica em 1912, havia sido formulada em termos de renda, não de raça. O discurso racial dos expatriados e a erosão das classes indos como comunidade étnica refletiram-se numa tentativa de alguns setores da IEV em reviver o tópico do Partido Índico de uma cidadania índica, que a liderança da IEV havia inicialmente tentado por de lado. Contudo, em 1927, as filiais da IEV de Surabaia e de Bandung novamente a colocaram na agenda. Em lugar de fronteiras étnicas legalmente estabelecidas entre indígenas, europeus e orientais estrangeiros, propuseram uma campanha para obter direitos de cidadania índica baseados em saber ler e escrever, e em “enraizamento” nas Índias.⁸⁵ Noções de pertencimento e raízes tornaram óbvia a tensão crescente entre expatriados e indos.

É bastante interessante notar que foi essa tensão que ocasionou a questão de como definir raízes índicas. Ainda mais extraordinária foi a tentativa séria de responder a essa questão. Foi formulada, ainda que de maneira experimental, por P. C. Bloys van Treslong Prins, arquivista adjunto dos arquivos do governo colonial em Batávia. Através de anos de pesquisa genealógica, Bloys havia conseguido traçar as raízes de muitas famílias que haviam chegado às Índias antes de 1850. Essas famílias

⁸⁴ Roger Knight, “A Swimming Pool library”.

⁸⁵ “Een Indisch burgerschap”, *Onze Stem*, vol. 8, n° 28 (1927), pp. 995-996.

provinham de muitos países europeus, argumentava, mas se haviam vinculado solidamente às Índias através de laços de sangue. Ele vinculou explicitamente a publicação de seus achados genealógicos à questão da cidadania índica, anunciando sua convicção de que as antigas famílias índicas eram as que estavam mais bem posicionadas para servir de núcleo para esse novo corpo de cidadãos.⁸⁶ O *Bataviaasch Nieuwsblad* publicou as notas de Bloys a respeito de cerca de duzentas famílias bem respeitadas, todos os sábados, durante o segundo semestre de 1930. Essas famílias poderiam não estar de todo satisfeitas com esse exercício de exposição, que trouxe à luz suas bisavós indonésias. Contudo, o importante para o registro histórico é a sugestão do “tempo doeloe” como teste para a cidadania índica.

E assim podemos concluir nossa argumentação de que a sensibilidade histórica crescente da comunidade índica não deve ser confundida com nostalgia inocente. Era parte integral de sua luta pela emancipação. A pesquisa de Bloys unia-se miraculosamente ao conceito de uma cidadania índica, assim como a distinção entre os tempos de então e aqueles que eram “nossos” tempos índicos. Contudo, embora sua pesquisa pudesse mostrar uma distinção entre nós e eles, não resolveu a ambigüidade fundamental das raízes e do pertencimento índico. O segmento de elite da sociedade índica sempre havia vivido entre dois mundos, e outro segmento havia estado lutando para fazer o mesmo. Fundamentar a cidadania índica na história era uma resposta clara à arrogância dos expatriados, mas, ainda que sem intenção, definia também as pessoas índicas como passantes. Isto não é apenas um recurso narrativo deste autor, mas uma realidade histórica do dia a dia. Entre as duas guerras mundiais famílias inteiras foram a Tandjong Priok⁸⁷ para despedir-se de seus parentes quando os navios partiam para a Europa. Muitos partiram de licença ou para se aposentarem numa Holanda desconhecida. Estavam a caminho de tornar-se cidadãos do império.

⁸⁶ *Bataviaasch Nieuwsblad*, 24/05/1930.

⁸⁷ Porto de Batávia (N. T.).